

MARÇO 2023

# BROTÉRIA

CRISTIANISMO E CULTURA

# CADERNO CULTURAL

- Legómena  
353 AS MULHERES DO MAR  
Benedita Pinto Gonçalves
- Museu  
355 A HISTÓRIA QUE O EGITO  
QUER RECONTAR  
Tomás Reis
- Cinema  
357 THE MENU  
Pedro Lencastre Monteiro
- 358 *RMN*  
Carlos Capucho
- Teatro  
359 DECALOGUE OF ANXIETY  
Maria Alves da Silva
- Exposições  
360 PANORAMA  
Madalena Meneses
- 361 OS NIKIAΣ DO NIKIAS  
Madalena van Zeller
- RECENSÕES
- Arquitetura  
362 DIEGO INGLEZ DE SOUSA,  
ANDRÉ TAVARES  
ARQUITECTURA DO BACALHAU  
Leandro Arez
- Filosofia  
364 MICHEL MONTAIGNE  
ENSAIOS VOL. I  
Vasco Cordovil Cardoso
- História  
365 JOÃO PAULO OLIVEIRA  
E COSTA  
PORTUGAL NA HISTÓRIA  
Armando Malheiro
- 365 LUÍS FILIPE F. R. THOMAZ  
UCRÂNIA. AS LIÇÕES  
DA HISTÓRIA  
E OUTROS ESTUDOS  
SOBRE O ORIENTE CRISTÃO  
Manuel Vilas-Boas Tavares
- Literatura  
366 DJAIMILIA PEREIRA  
DE ALMEIDA  
OS GESTOS  
Cândido de Oliveira Martins
- Religião  
367 JOSÉ TOLENTINO  
DE MENDONÇA  
METAMORFOSE NECESSÁRIA  
José Carlos Carvalho
- Na Brotéria  
368 SEMINÁRIO DE HISTÓRIA SJ  
António Júlio Trigueiros SJ  
Francisco Malta Romeiras

zados pelo museu nem a própria visita, parecem desvendar totalmente — quais os critérios para esta seleção? Tentar responder a esta questão, construindo a narrativa que o projeto curatorial, propositada ou não propositadamente, não oferece, é um desafio interessante que pode ajudar à abstração do estado quase decrépito em que se encontra o Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado.

Em 70 anos de produção artística, Skapinakis atravessou mais de duas dezenas de fases sendo que nem de todas o pintor escolheu guardar exemplares. Como tal, nem todas as fases podem ser revisitadas nesta antologia. *Quartos Imaginários* (2001–2016), da qual se encontram alguns exemplares logo no princípio do percurso, talvez seja a série onde é possível perder-se mais tempo à procura de pistas para tentar desvendar os critérios de seleção de Skapinakis. Nesta série, ao longo de quinze anos, o artista pinta e imagina, com discretas mudanças técnicas, como seriam os espaços mais privados de alguns artistas como Picasso, Lucien Freud, Duchamp, Dalí ou Hockney. Contemplando a vida de cada um deles, que luzes, que sombras, que objetos, que pessoas, que quadros, que móveis é que Skapinakis imagina e representa e quais escolhe deixar de fora? Ao colecionar a sua própria obra, que trabalhos podem ter sido representação de sombra, portadores de luz, de personagens e momentos marcantes da sua vida? Talvez estas 80 pudessem ser 67 ou 90, mas as razões Skapinakis levou-as com ele.

— Madalena van Zeller

# RECENSÕES

## ARQUITETURA

INGLEZ DE SOUSA, Diego

TAVARES, André

*ARQUITETURA DO BACALHAU*

*E OUTRAS ESPÉCIES.*

*UMA LEITURA CRÍTICA DA*

*PAISAGEM CONSTRUÍDA PELAS*

*PESCAS PORTUGUESAS*

292 PÁGS, DAFNE EDITORA, 2022 (24€)

Quando me convidaram para escrever este texto, não sendo capaz de conter o entusiasmo, quase exigi que enviassem o livro de imediato — há alguns anos que vou acompanhando o trabalho de André Tavares, tanto enquanto autor, como editor (da Dafne). Todos os dias verificava ansiosamente a caixa de correio e todos os dias a encontrava vazia. Em cada um desses dias levantava na biblioteca outras publicações suas. Até que, na manhã do quarto dia de espera (ainda sem nada no correio), soube que o autor iria apresentar nesse dia a investigação (que está na origem deste livro) num evento de acesso restrito no Beato.

Infiltei-me. Subi ao segundo andar e sentei-me a contemplar o Tejo e o Porto de Lisboa enquanto tranquilizava a adrenalina da transgressão. Admito que o meu interesse não se prendia apenas com o conhecimento prévio do trabalho de um dos autores, mas também com uma empatia pessoal ao tema abordado: como tantos, sou nativo de uma cidade costeira que foi moldada (não exclusivamente, mas principalmente) em prol das dinâmicas pesqueiras, quer na sua iteração artesanal inicial como a sua subsequente industrialização. A leitura deste livro revelar-se-ia como uma oportunidade de perceber o meio que sempre conheci, para o qual sempre olhei e tanto deixei por ver.

«Qual é a arquitectura do bacalhau? É óbvio que um peixe não constrói edifícios, mas as suas características biológicas geram arquitectura.»[p.7]

Desta forma dolorosamente cândida (e com algum humor), André Tavares inicia a conferência. A frase citada (que também abre o Prólogo e a sinopse da contracapa) enuncia a chave do estudo em relação ao paradigma habitual das investigações em arquitetura: descentrar o discurso arquitetónico enquanto produção exclusivamente humana, e focar na influência que os peixes exerceram na construção da nossa paisagem. A meio da apresentação, num diapositivo intitulado “Environmental History of Architecture”, claramente ilustrado por um diagrama, André introduz um conceito fulcral: o contínuo mar-terra (ou Sea-Land Continuum), baseado na reciprocidade de contributos dados entre as espécies do mar (peixes) e da terra (humanos) na conformação deste território partilhado.

Neste sentido, os autores dão continuidade às premissas da coleção Equações de Arquitetura, na qual se insere este livro. Apelando à construção de «caminhos alternativos às dicotomias irresolúveis entre arte e ciência, economia e sociedade, cultura ou tecnocracia», a Equações propõe-se a pensar como «a terra ou os elementos naturais» influenciam a produção do meio construído. Recusando quaisquer fantasias de paisagens subaquáticas construídas por indígenas marinhos Atlânticos (ainda que o autor já tenha em outros momentos explorado a ideia de viajar à Atlântida), esta incursão será muito mais científica e, ironicamente, com os pés assentes na terra.

Voltado a casa, uma encomenda sobressai da caixa do correio, retiro-a entusiasticamente e abro o embrulho. Rasgo o plástico e folheio o livro: uma edição graficamente afinada, tátil e prazerosa, extensamente ilustrada, quer por fotografias de arquivo, quer por desenhos rigorosos, com a qualidade a que a Dafne já nos tem habituado. Observando o índice, percebe-se que a publicação está estruturada em torno de cinco capítulos, cada um referente a uma indústria piscatória: as pescas do Bacalhau, da Sardinha, do Atum, da Pescada e, por último, do Polvo, Peixe Galo e Tamboril.

Abrindo o capítulo epónimo, assiste-se a uma cerimónia do Estado Novo onde o

bispo de Évora benze uma frota de lugres bacalhoeiros. Momento oportuno para sermos apresentados ao Virgílio involuntário desta viagem, o almirante Henrique Tenreiro, que irá regularmente pontuar estes capítulos com sucessivos e mirabolantes planos, quer para gerir a economia pesqueira do país, quer para moldar a identidade cultural de todo um povo para a sustentar. Percebe-se, desde o início do livro, a abrangência dos campos explorados na construção destas narrativas: a este episódio político segue uma descrição biológica do bacalhau e, não muito mais tarde, calculamos a correspondência entre toneladas de peixe vivo no mar e a sua extensão em estendais de seca pela costa.

Com outros peixes, outras histórias. A dinâmica muda drasticamente com a Sardinha: deixamos os grades armazéns frigoríficos e a Segunda Guerra Mundial e somos largados num assombroso silêncio massajado pelo delicado ronronar das ondas, por entre barcos e palheiros pousados numa praia em Espinho.

«O que une a sardinha e os palheiros é a superfície macia e contínua da areia, desde o fundo do mar às dunas da costa.» [p. 121]

No entanto, esta paisagem é gradualmente interrompida pelas engrenagens da indústria conserveira. Dada a sua biologia, a sardinha, mais rica em gordura, não se presta à seca como o bacalhau e, portanto, a evolução das técnicas de captura e estruturas de processamento traça um percurso distinto do capítulo anterior. Souza levamos da arte Xávega às inovações tecnológicas da conservação de alimentos (e a sua explosão associada às Grandes Guerras), passando pela promoção internacional da conserva como produto de luxo e representatividade nacional. Escusado será dizer que concluímos o capítulo num tom muito mais agitado do que começámos. Um episódio notável (que faz jus à premissa de reciprocidade ecológica da investigação) é o curioso caso da fábrica conserveira em Matosinhos, cuja correspondência de escala à dimensão média do cardume de sardinha que explorava, permitiu que esta sobrevivesse enquanto outras, tanto maiores como menores, faliram.

Ao longo destes capítulos, os autores mergulham fundo e dão braçadas largas, tirando qualquer um do seu porto de abrigo – mesmo os versados em pelo menos uma das áreas abordadas. Mas, no final, *Arquitectura do Bacalhau* deixa-nos bastante satisfeitos por, juntamente com André Tavares e Diego Inglez de Sousa, termos embarcado nesta tumultuosa e fascinante viagem por uma outra história da economia, da sociedade, da biologia e até da arquitetura.

— Leandro Arez

## FILOSOFIA

MONTAIGNE, Michel  
*ENSAIOS, VOL. I*

451 PÁGS, E-PRIMATUR, 2022 (24,90€)

Começemos por saudar o mais entusiasmaticamente que se pode fazer por escrito – mas sem nos deixar levar por grandes excentricidades que chamem muito a atenção, como aconselharia o próprio Montaigne [pp. 225-226] – esta primeira tradução para português do texto integral dos *Ensaio*s, cujo primeiro volume (de três) já está disponível nas livrarias desde Dezembro de 2022.

Esta obra, que inventou um novo género literário e cujo rasto intelectual se perde entre as obras, por exemplo, de Shakespeare, Virginia Woolf, Pascal e Nietzsche, é apresentada por Montaigne, no famoso “Ao Leitor” [p.37] como um mero registo «doméstico e privado» da sua maneira de ser, dos seus «hábitos e inclinações», sem qualquer propósito de instrução ou edificação alheia. E de facto, um dos aspetos mais interessantes da leitura dos *Ensaio*s, é acompanhar o esforço de uma alma a tentar dizer-se, descrever-se, representar-se. Sem deixar de nos contar muitas histórias sobre a sua vida, nem se coibir de nos ir largando pérolas sobre os mais diversos assuntos, extraídas das obras de alguns dos nomes mais sonantes da Antiguidade (de Séneca a Plutarco, de Platão a Agostinho, de Lucrécio a Ovídio, para referir aqui apenas alguns), Montaigne não escreveu

nem uma autobiografia, nem um conjunto de tratados, mas uma espécie de mistura das duas coisas que resulta, na verdade, na negação de ambas. Os *Ensaio*s são um conjunto de divagações, uma espécie de conversas sem-fim consigo próprio, nas quais nada é definitivamente dito, e quase tudo e o seu contrário sugerido, numa tentativa de captação ou desenho do próprio pensamento em movimento.

Uma das principais dificuldades deste esforço de autorretrato espiritual ou intelectual está no facto de o pensamento não se deixar captar sozinho, sem «tema que [o] refreie e contenha» [p.73]. Por isso, ao tentar representar a sua alma, Montaigne vê-se forçado a debruçar-se sobre isto e sobre aquilo, mais ou menos acidentalmente, para que, aquilo que é, e que se esconde no modo como vê e julga tudo o que não é, se veja e se possa dar a conhecer. No entanto, essa atenção que dedica a si, quando considera tudo o mais, nunca descansa em nenhuma certeza ou ponto fixo. No centro da imagem que encontra refletida no espelho de cada um dos seus muitos ensaios está uma pergunta, à qual é, ao mesmo tempo, impossível responder e fugir. No nervo de si, Montaigne descobre, portanto, justamente o ensaio: estamos condenados a tentar, ora de um modo, ora de outro, ora assim, ora assado, de modo que nada de uno, puro, ou estável parece estar à mão da nossa capacidade de julgar.

Ora, é nessa calvície e nesses cabelos grisalhos que Montaigne exhibe sem esconder [p.218], isto é, na ridícula incapacidade que descobre no seu espírito para cumprir as próprias pretensões, que podemos também ver-nos a nós. Podemos ouvir o seu riso diante das nossas certezas, e sentir a sua simpatia diante da nossa fraqueza. Podemos surpreender-nos e voltar a surpreender com a estranha mania que temos de andar com a verdade no bolso, e de nos julgar senhores do mundo, quando nem um palmo à frente do nariz vemos com clareza. E podemos aceitar o convite, daquele que foi talvez o primeiro “pré-reformado” da história, a travar, ainda que de forma imperfeita e talvez inevitavelmente momentânea, a correria dos nossos projetos